

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Prata no esqui

Filho de pai norueguês e de mãe brasileira, Lucas Pinheiro Braathen conquistou, ontem, a medalha de prata na etapa da Suíça da Copa do Mundo de Esqui Alpino. O pódio foi o segundo do atleta nascido em Oslo, que optou por defender o Brasil em março do ano passado.



Divulgação/Brasil na Neve



A meta morfose

RÚGBI Início no atletismo, passagem pelo levantamento de peso e "aventura" em esporte no gelo: conheça a trajetória que levou Natalia Rosa a realizar o sonho de defender a Seleção Brasileira, mas nos gramados

Fotos: Rugby Shots



Natalia Rosa vive o sonho no ano de Copa

A modalidade

História e regra

É um esporte coletivo, que surgiu em 1823 em Rugby, na Inglaterra. A modalidade é disputada entre dois times com objetivo de pontuar. As principais práticas são: tag rugby, touch rugby, rugby em cadeira de rodas, beach rugby (rugby na praia), rugby de sevens (com times de 7 jogadores) e rugby de XV (equipes de 15).

Categoria XV

Na versão XV, a partida é disputada por dois times de 15 atletas em dois tempos de 40 minutos em um campo de medidas máximas de 100m x 70m. As regras preveem que a bola seja jogada para frente somente por meio de chute e seja passada para o lado ou para trás.

Pontuação

Há quatro formas de pontuar. O mais valioso é o Try (5 pontos), quando com o jogador cruza o campo adversário e coloca a bola no chão; Conversão (2): Sempre que a equipe faz o try, tem direito a um chute. A bola fica parada em um apoio. Penalidade (3): mesmo procedimento da conversão. Drop Goal (3): é um chute de bate-pronto, no qual a bola deve quicar primeiro no chão e passar pelo H.

VICTOR PARRINI

O esporte está longe de ser uma ciência exata. Embora a maioria dos novos talentos se descubram em determinadas modalidades e desenvolvam carreiras, há quem peregrine para se encontrar e firmar raízes. Alguns caminhos podem ser até inimagináveis, como para uma carioca do bairro de Santa Cruz, o mais distante do centro do Rio de Janeiro entre os 163 da Cidade Maravilhosa. Quem vê Natalia Rosa pedir passagem na Seleção Brasileira de rugby talvez nem imagine que outras três disciplinas ajudaram a moldar a atleta prestes a completar 26 anos.

Ela nasceu em 21 de janeiro de 1999 e vem de uma família de sete irmãs. Uma delas é atleta olímpica. Figurinha do álbum da prova dos 100m rasos feminino dos Jogos de Paris-2024 e campeã do revezamento 4x100m no Pan de Lima-2019, Vitória Rosa é inspiração para a "mana" e uma das responsáveis por cavar uma vaga para Natalia na Seleção de rugby.

Dois anos atrás, Natalia trabalhava sem carteira assinada como recepcionista em uma barbearia na Barra da Tijuca, quando recebeu um telefonema de Will Broderick, o britânico, então treinador da Seleção feminina. A ligação inesperada era um convite para a carioca realizar um teste de duas semanas com a equipe do Núcleo de Alto Rendimento Esportivo de São Paulo, o NAR. Vitória também treina no centro de excelência.

Ela aproveitou a abertura do técnico para novos talentos oriundos de outras modalidades e indicou a irmã.

Natalia não passou por um nem por dois, mas, sim, por três mundos diferentes no esporte. Começou a trajetória no atletismo, por meio da educação física. Mostrou desenvoltura no salto em distância, em provas com barreiras, disputas de 100m e 200m rasos e chegou até competir no Troféu Brasil, o mais importante do país. Saiu em 2019 e mudou radicalmente. O destino era o bobsled — modalidade de inverno na qual uma ou até quatro pessoas realizam descidas cronometradas com um trenó em uma pista de gelo estreita e sinuosa até 150km/h. Com a delegação, realizou o sonho de viajar para o exterior na ida da Seleção aos Estados Unidos para treinamento e competição.

"Eu nem sabia o que era, nunca tinha acompanhado, mas havia assistido ao filme *Jamaica Abaixo de Zero*. É um esporte desafiador e falei: 'Quer saber? Vou tentar'. Falei com minha mãe. Eu nunca tinha andado de montanha-russa, imagina estar em uma montanha-russa com você pilotando a mais de 100km/h. Abracei o desafio com unhas e dentes, sem saber, só olhando na internet", relata. A relação com o esporte no gelo não durou muito. Natalia retornou ao atletismo. Nesse meio tempo, também se aventurou no levantamento de peso. No entanto, devido a questões financeiras e ao fato de não poder estar vinculada a duas confederações, deixou o halterofilismo.

alusão à franquia de animação japonesa, com seres míticos que evoluem. Ela ganhou o apelido em 2019, após realizar movimento que impressionou durante aula experimental de crossfit no Rio. Gostou da brincadeira, levou o codinome para São Paulo e se tornou conhecida como Poke.

Cenário

O rugby segue uma tendência dos esportes olímpicos do Brasil: do protagonismo feminino. A modalidade surfa na onda das mulheres. Nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, somente as Yaras, como é carinhosamente chamada a equipe feminina, conquistaram vaga. "Mesmo com pouco, fizemos muito e nos tornamos protagonistas, pela nossa garra, pela nossa força, porque queremos. Se nenhuma de nós lutarmos, não estaremos. Precisamos de muita garra", comenta.

Nem tudo são flores para o rugby do Brasil. Questionada sobre a popularidade da modalidade em comparação a outras disputas coletivas importadas para o país, como futebol americano e basquete, Natalia vai direto ao ponto: "Falta um pouco mais de visibilidade. Outras modalidades têm mais. Falta visibilidade para nós, para sermos mais vistas na sociedade. Quando perguntam o que faço e respondo rugby, a pessoa não sabe o que é. Falta olhar um pouco mais para o nosso esporte também, não é só o país do futebol. Outros precisam ser olhados", destaca.

Natalia pensa no futuro. Vinculada ao clube Pasteur, a carioca deseja jogar no exterior. "É o meu maior sonho, jogar fora do Brasil e morar. Com certeza, Austrália, Inglaterra e Portugal. Meu sonho é esse, fazer um tour jogando. Em qualquer Seleção, sempre tive essa mentalidade. Sei que aqui o atleta não é tão valorizado. Até pela questão de estudo, você ser um atleta e estudante lá fora é ter muito mais valor do que aqui", conta a aluna do segundo período de educação física. Após a trajetória profissional, ela gostaria de trabalhar como personal trainer em academia.